



### **Autoridade e pós-colonialismo - Poder, Privilégio e Primazia na Comunhão Anglicana**

Ian T. Douglas \*

Mesmo para um observador ocasional, a Conferência de Lambeth de 1998 deixou de ser uma simples reunião festiva que aconteceu nos últimos anos. Pela primeira vez, os anglicanos do Ocidente industrializado tiveram de se defrontar com a realidade de que a Comunhão Anglicana já não é mais uma comunidade cristã identificada com a cultura anglo-americana. Nós, no Ocidente, já não podemos mais nos acomodar tranquilamente nas estruturas políticas e econômicas do colonialismo ou nos paradigmas teológicos e filosóficos do Iluminismo. Somos obrigados a admitir que a Comunhão Anglicana está caminhando na direção de uma realidade pós-colonial e pós-moderna, não importando o quanto essa realidade nos assusta. Assustar ela assusta, especialmente aqueles que historicamente foram os mais privilegiados na forma em que as coisas se desenvolveram, como, por exemplo, os clérigos ocidentais, brancos, do sexo masculino.

As mudanças no Anglicanismo contemporâneo, de uma igreja ocidental de fala predominantemente inglesa, para uma igreja do hemisfério sul são compatíveis com as transformações do Cristianismo nas últimas quatro décadas. David Barrett, professor de missão anglicana, demonstrou que 83% dos 522 milhões de cristãos do mundo viviam na Europa ou América do Norte em 1900. Hoje apenas 39% dos um bilhão e meio de cristãos vivem na mesma área. Barrett estima que, em menos de três décadas, lá pelo ano de 2025, mais de 70% dos cristãos estarão vivendo na Ásia, na África, na América Latina e no Pacífico.

Até o verão de 1998, entretanto, a maioria dos anglicanos do Ocidente podia ignorar essas mudanças radicais da comunidade cristã mundial e, assim, evitar as difíceis questões de identidade e autoridade nelas implícitas. Nossa hegemonia cultural, econômica e política nos protegeu de nos engajarmos nas realidades de nossa multicultural e plural Comunhão Anglicana. Mas Lambeth 1998 assinalou um ponto decisivo para os anglicanos. Nos debates sobre a dívida externa e sobre a sexualidade humana, ficou muito claro que as igrejas do hemisfério sul não estão mais dispostas a permanecer de braços cruzados, enquanto os irmãos e as irmãs dos Estados Unidos e da Inglaterra elaboram a agenda. Auxiliados por alguns membros do Ocidente, que procuravam ganhar terreno nos debates sobre sexualidade, separados dos bispos da África, Ásia e América Latina, ficou muito claro para todos que um

---

\* Ian T. Douglas é professor associado de Missão Mundial e Cristianismo Global na *Episcopal Divinity School*, em Cambridge, Massachusetts, USA. Publicado em *The Witness*, March 2000, p. 10. Tradução do Rev. Oswaldo Kickhofel



profundo poder de transformação estava ocorrendo dentro do Anglicanismo. Pela primeira vez, a Comunhão Anglicana teve de enfrentar a radical e multicultural realidade de nossa comunidade cristã pós-colonial e pós moderna. Antífonas de Titcomb e Tallis, cantadas por meninos cantores nas capelas de Cambridge e Oxford, já não conseguem mais nos manter unidos. Mesmo os bispos, tomando chá com a Rainha nos jardins do Palácio de Buckingham durante a Conferência de Lambeth, já não são mais o que costumavam ser.

Para compreender como as mudanças demográficas e culturais têm desafiado os históricos padrões de autoridade na Comunhão Anglicana, precisamos primeiro considerar dois obstáculos que bloqueiam a mudança – um econômico e político e outro filosófico e teológico – que historicamente têm caracterizado a Comunhão Anglicana.

### **Legado do colonialismo**

A primeira força que limita nosso viver na possibilidade de uma comunidade multicultural e plural em Cristo é o legado do colonialismo. Durante a maior parte do século XIX e a primeira metade do século XX, a Comunhão Anglicana foi dominada pelas igrejas ocidentais, tendo como líder entre elas a Igreja da Inglaterra e a Igreja Episcopal dos Estados Unidos. De 1850 a 1960, a missão esteve intimamente vinculada ao colonialismo e ao imperialismo ocidental, porque onde a coroa ia, lá ia também a capela. Olhando o mapa da Comunhão Anglicana hoje, vamos observar que a maioria das igrejas anglicanas está em áreas que foram territórios da Inglaterra ou dos Estados Unidos.

Tudo isso, entretanto, começou a mudar nos anos 60. Com a independência política de muitas colônias na África, na Ásia e na América Latina, as missões da Igreja da Inglaterra ou da Igreja Episcopal dos Estados Unidos começaram a lutar para se tornarem igrejas autônomas da Comunhão Anglicana. Embora muitos países, onde as igrejas anglicanas se tornaram independentes, ainda sofressem as conseqüências do colonialismo econômico (prova disso é a dívida externa), o crescimento das igrejas do hemisfério sul ocorreu com o fim da era colonialista. Se nós do Ocidente estamos preparados para aceitar isso ou não, a verdade é que a Comunhão Anglicana hoje começou a se mover de uma realidade colonialista para uma realidade pós-colonial. Em conseqüência, as estruturas políticas e econômicas de poder, associadas à dominação colonial, começaram a perder sua eficácia na nova Comunhão Anglicana.

### **Limitações da 'moderna' visão mundial**

A segunda grande força que dificulta aqueles que historicamente são privilegiados no Anglicanismo a abraçar um mundo e uma Igreja radicalmente diferentes é o confinamento filosófico e histórico da modernidade. Se tomarmos o ano de 1784 como o começo da Comunhão Anglicana, com a sagração do primeiro bispo



de uma igreja anglicana autônoma fora das Ilhas Britânicas (Samuel Seabury nos Estados Unidos), ou a primeira Conferência de Lambeth de 1867, a Comunhão Anglicana como uma família de igrejas tem apenas alguns séculos de idade. E, como tal, a Comunhão Anglicana é, na verdade, um fenômeno moderno, significando moderno a era da modernidade, os últimos 500 anos, a era do Iluminismo. O Anglicanismo, muito recentemente, tem se apoiado na construção filosófica e teológica do pensamento iluminista, que valoriza uma ou outra proposição, tanto a construção binária como o pensamento dualista.

O pensamento iluminista se orgulha de ser capaz de classificar coisas, conhecer limites, definir o que é certo e o que é errado, quem está dentro e quem está fora. O homem moderno (uso este termo, nada inclusivo, deliberadamente) valoriza as orientações claras de autoridade, reconhecendo quem está no poder. Uma estrutura de poder hierárquico. As realidades múltiplas e plurais são um anátema para a mentalidade moderna e, conseqüentemente, para muitos que estiveram sobre o controle da Comunhão Anglicana durante a maior parte de sua história.

Mas tudo isso está mudando, porque a maioria dos anglicanos hoje está situada em lugares onde a construção do pensamento iluminista tem pouca eficácia. Não quero dizer com isso que os irmãos e as irmãs do sul e aqueles que estão mais livres das construções do pensamento moderno tenham menos cultura, ou que estejam presos a um mundo de superstições, como Jack Spong, bispo de Newark, afirmou em Lambeth 1998. Pelo contrário, a maioria dos anglicanos no mundo de hoje é capaz de viver em múltiplas realidades – tanto na realidade da construção do Iluminismo ocidental, como na realidade de seus próprios contextos locais. É importante enfatizar que os marginalizados do Ocidente, especialmente as mulheres, os negros, os homossexuais e as lésbicas, têm sempre vivido múltiplas realidades – suas próprias particularidades e as particularidades da cultura dominante. São somente aqueles que detêm poder, como os brancos do Ocidente, que têm o privilégio de crer e viver como se existisse apenas uma só realidade – a sua. O movimento dentro do Anglicanismo de uma igreja fundamentada na modernidade e ao abrigo do Iluminismo para uma realidade pós-moderna ou extra-moderna é tão tumultuado quanto a passagem do colonialismo para o pós-colonialismo.

### **Medo de mudança**

Essas transformações no mundo anglicano são terríveis, principalmente para aqueles que, como nós, têm sido historicamente os mais privilegiados, mais controlados, mais seguros, no mundo colonial iluminista. A radical transição, que está em andamento na Comunhão Anglicana, está assustando, porque isso significa que nós, no Ocidente, não teremos mais o poder e o controle que tanto temos apreciado. Como resultado, estamos ansiosos, confusos e perdidos num mar de mudanças.

O movimento de uma igreja colonial e moderna para uma comunidade pós-colonial e pós-moderna em Cristo, com a concomitante noção de perda dos privilégios



históricos é energicamente combatida por muitos daqueles que têm poder de decisão na Comunhão Anglicana. Várias tentativas para manter o controle, retomar o poder de decisão e juntar os pedaços quebrados estão novamente dominando as conversações inter-anglicanas. Duas tentativas de manter velhas estruturas de poder e privilégios como respostas às mudanças no Anglicanismo são particularmente insidiosas e nada anglicanas.

A primeira é uma difusa tentativa de defender os “documentos históricos” da Igreja como autoridade para todos os tempos. Dominados pelo medo de mudar, alguns desejam olhar para trás, quando as coisas eram mais simples, e reivindicam definições mais claras sobre o que significa ser anglicano hoje. Assim, surgem novas tentativas, em várias partes do Anglicanismo, especialmente no Ocidente, para resgatar os 39 Artigos de Religião, ou mesmo o Quadrilátero Chicago-Lambeth como declarações que definem o que os anglicanos são e em que devem crer. O resultado disso é um “novo confessionalismo”, através do qual os inseguros e aqueles que temem perder poder nesses tempos de mudanças lutam galhardamente para manter a “teologia” e as crenças anglicanas. Munidos com claras definições e limites doutrinários, esses mesmos indivíduos se julgam em condições de dizer quem está dentro e quem está fora. O controle é reafirmado, a ambigüidade é superada e a autoridade tradicional preservada.

### **Uma ‘nova curialização’: o ‘Relatório de Virgínia’**

A segunda resposta a esses tempos de mudanças é a tentativa de construir uma nova estrutura central de autoridade para a Comunhão Anglicana, que chamo de “a nova curialização”. Há aqueles que acreditam que, sem linhas de autoridade bem articuladas ou “instrumentos de unidade”, emanadas de um forte poder central (como nossos irmãos e irmãs católicos romanos têm), o Corpo de Cristo, a Igreja católica, pode se transformar numa instituição desorganizada. É por isso que alguns estão dispostos a desenvolver um novo tipo de liderança, uma nova forma de primazia, tendo como centro o Arcebispo de Cantuária e os bispos primazes como uma espécie de “colégio de cardeais”.

O tão celebrado “Relatório de Virgínia” *da Comissão Doutrinária e Teológica Inter-Anglicana* representa essa tendência de maior centralização de poder e autoridade na Comunhão Anglicana. Um exame mais acurado da história, dos princípios e do uso do Relatório mostra como esse aparentemente equilibrado e firme documento, de fato, aponta para uma direção que pode não servir à crescente natureza multicultural e plural da Comunhão Anglicana. Nesses tempos de mudanças, desejamos realmente saturar os bispos, especialmente o Arcebispo de Cantuária e os bispos primazes, com mais poder e autoridade, que eles historicamente sempre desfrutaram, mesmo nos velhos e difíceis tempos do colonialismo e da modernidade?

A provocação do Relatório de Virgínia contém um dos mais significativos desafios para a hegemonia clerical masculina branca do Ocidente na Comunhão



Anglicana: por exemplo, a ordenação feminina, especialmente ao episcopado. Por ocasião da eleição de Barbara Harris para bispa sufragânea da Diocese de Massachusetts, em 1988, a Conferência de Lambeth autorizou o Arcebispo de Cantuária a nomear uma comissão sobre Comunhão e Mulheres no Episcopado, sob a presidência do bispo Robert Eames, Arcebispo de Armagh, Irlanda. A "Comissão Eames", como ficou depois conhecida, se reuniu cinco vezes, entre 1988 e 1993. A Conferência de Lambeth de 1988 também percebeu que havia urgente necessidade de realizar "posteriores estudos sobre o significado e a natureza da Comunhão, com referência especial à doutrina da Trindade, unidade e ordem da Igreja, e a unidade e a comunidade da humanidade" (Lambeth 1988, resolução 18).

Em resposta, o Arcebispo de Cantuária reuniu um grupo de teólogos para uma consulta sobre a natureza da autoridade na Comunhão Anglicana, no Seminário Teológico de Virgínia, em 1991, e produziu um relatório inicial denominado "Permanecendo Unidos" (*Belonging Together*). Três anos mais tarde, um grupo, que sucedeu a consulta inicial, conhecido como *Comissão Doutrinária e Teológica Inter-Anglicana*, foi convocado. Esse grupo se reuniu em dezembro de 1994 e em janeiro de 1996, e em ambas as ocasiões no Seminário de Virgínia. A CDTIA devia ser formada por representantes de toda a Comunhão Anglicana. A presidência da nova comissão foi confiada ao presidente da "Comissão Eames", o Arcebispo Eames, mais uma vez na posição de presidente, e a Mark Dyer, ex-bispo de Bethlehem, Pennsylvania, e atual professor de Teologia no Seminário Teológico de Virgínia. Não foi surpresa que o Seminário de Virgínia anunciasse o desejo de hospedar o grupo, dada a participação de Dyer. A comissão retribuiria o gesto, dando o nome de Relatório de Virgínia ao encontro.

### **Tensões e final surpreendente**

Embora a CDTIA fosse ostensivamente inclusiva e diversificada com respeito à origem geográfica, ao gênero e estado de ordenação, os relatórios surgiram em meio às tensões sobre o processo e a teologia, entre os bispos masculinos anglo-americanos e suas mulheres, e os membros representantes do hemisfério sul. Quando a última consulta terminou em janeiro de 1996, um consenso ou um "relatório" dos procedimentos não tinha sido ainda alcançado. Assim, foi uma surpresa, mesmo para alguns membros da comissão, quando o Relatório de Virgínia apareceu na sua versão final com uma seção adicional sobre os "Instrumentos Universais da Comunhão: Estruturas e Processos".

As especulações sobre a autoria dessa nova seção foram muito variadas, mas a maioria dos membros bem informados acredita que esta seção foi esboçada por bispos anglo-americanos masculinos e membros do grupo. Se isso é verdade, então é inteiramente plausível que os quatro instrumentos de unidade esboçados - o Arcebispo de Cantuária, a Conferência de Lambeth, o Conselho Consultivo Anglicano e a Reunião dos Primazes - tenham uma ênfase acentuadamente episcopal.



Ao chegarem a Cantuária em 1998 para a Conferência de Lambeth, os bispos de todos os recantos da Comunhão Anglicana acolheram o Relatório de Virgínia como sendo uma declaração oficial da vida comum do Anglicanismo contemporâneo. Como observador e repórter em Lambeth, e com limitados acessos às reuniões e conversações, não me pareceu que Lambeth fosse uma boa oportunidade para discussões substanciais sobre o conteúdo e as recomendações do Relatório de Virgínia. Como resultado, pequena ou nenhuma discordância sobre o relatório veio à tona. A Resolução III.8 da conferência acolheu com satisfação e confirmou o Relatório de Virgínia, e solicitou aos "primazes para iniciar e monitorar uma década de estudos em todas as províncias sobre o relatório e, em especial, se uma efetiva comunhão em todos os níveis não está a exigir instrumentos apropriados, com as devidas salvaguardas, não somente para a legislação, mas também para a supervisão (grifos no original) bem como (note a encíclica papal *Ut Unum Sint*) para as questões de um ministério universal a serviço da unidade cristã".

O fato de que os arcebispos, e não toda a liderança da Igreja, foram solicitados a iniciar um estudo sobre a necessidade de estruturas para salvaguardar e legislar sobre uma "efetiva comunhão" retrata a verdadeira intenção do Relatório de Virgínia. Por trás da resolução estava a pressuposição de que, nesses tempos de mudanças, os primazes têm a responsabilidade de promover uma clara estrutura de autoridade centralizada no Arcebispo de Cantuária.

Aqueles que não percebem o sutil deslize na direção da crescente centralização da autoridade primacial no Relatório de Virgínia precisam apenas considerar a resolução III.16 da Conferência de Lambeth de 1998, sobre os "Instrumentos da Comunhão Anglicana". Esta resolução não só solicita aos primazes para que sejam a presença episcopal no Conselho Consultivo Anglicano, mas também, pela primeira vez na história do Anglicanismo, atribui aos arcebispos da Comunhão Anglicana uma autoridade e poder sem precedentes. A resolução "solicita à Reunião dos Primazes, sob a presidência do Arcebispo de Cantuária, para que incluam entre as suas responsabilidades... intervenções em casos de excepcional emergência, quando há incapacidade de solução interna nas províncias, e proporcionem orientações sobre os limites da diversidade anglicana". A resolução III.16 atribui aos primazes acentuada responsabilidade sobre questões pan-anglicanas de natureza moral e doutrinária, bem como uma autoridade extra-metropolitana sem precedentes para intervir na vida das províncias anglicanas em nível local, quando as questões de diversidade se tornarem problemáticas. Com apenas tais garantias, os tradicionalistas nos Estados Unidos apelariam aos primazes para intervirem na Igreja Episcopal sobre questões de sexualidade humana, como já aconteceu.

### **Cantuária, um papa anglicano?**

A décima primeira reunião do Conselho Consultivo Anglicano (CCA-11), realizada em Dundee, Escócia, em setembro de 1999, contrastou abertamente com a acolhida que a Conferência de Lambeth deu ao Relatório de Virgínia. Esse diferente



organismo da Comunhão Anglicana, formado por leigos, presbíteros e bispos de todas as províncias da Comunhão Anglicana, não aceitaria sem crítica o deslize no sentido de aumentar a autoridade central implícita no Relatório de Virgínia. Muitos representantes do CCA ficaram muito decepcionados que as primeiras sessões da reunião, seis horas no total, fossem dedicadas a cuidadosa e deliberada apresentação do bispo Mark Dyer sobre o relatório.

Foi durante as três palestras de Dyer que sua preferência pela autoridade, apoiada no Arcebispo de Cantuária e nos Bispos Primazes, foi revelada. Devido às suas raízes católicas romanas e irlandesas de New Hampshire e Boston, Massachusetts (embora poucos soubessem que isso estava relacionado com o fato de ter sido monge beneditino católico romano por mais de uma década), a descrição de Dyer sobre o ofício do Arcebispo de Cantuária como primeiro instrumento de unidade tinha, na verdade, uma tendência claramente papal. Ele salientou que “a encarnação de Jesus Cristo como centro da Igreja deve ser personificada à semelhança da face do povo. Ela deve estar incorporada naquele sentido literal da incorporação, como a Igreja sempre fez ao longo de sua história. Para os anglicanos, o Arcebispo de Cantuária, como instrumento de unidade, é uma encarnação pessoal deste ministério específico para nós”.

Os representantes do CCA, desde Edinburgh na Escócia até Sydney na Austrália (aparentemente não colegas), ficaram espantados com as afirmações de Dyer de que o Arcebispo de Cantuária é a “incorporação pessoal da continuidade do Anglicanismo em Cristo”, e perceberam nele forte paralelo com a compreensão católica romana do papa como vigário de Cristo. Seus temores não foram acalmados, quando declarou que a teoria da subordinação, central no Relatório de Virgínia, foi tomada diretamente da encíclica “Da Reconstrução da Ordem Social”, de Pio XI em 1931. Os membros do CCA reagiram energicamente contra a ética centralizadora, que estava sendo apresentada, tendo John Moses, deão da Catedral de São Paulo, afirmado: “O Relatório de Virgínia poderá vir a ser um instrumento para aumentar o impulso da curialização da Comunhão Anglicana. O primaz da Igreja Episcopal do Brasil, Glauco Soares de Lima, por sua vez, enfatizou que “o relatório é o sinal de uma mentalidade ainda colonial, inclusive nas estruturas descritas”.

### **Suspende Lambeth 2008?**

O domínio e a defesa de Dyer do Relatório de Virgínia e seus instrumentos de unidade, em face das tentativas do CCA de considerar diferentes tipos de relações e autoridade anglicanas, começaram a esquentar, quando consideraram a possibilidade de um congresso anglicano internacional para leigos, presbíteros e bispos. Quando ficou claro que a Comunhão Anglicana não poderia arcar, ao mesmo tempo, com as despesas de um congresso internacional e uma conferência na próxima década, o Arcebispo de Cantuária, inesperadamente, entusiasmado com a proposta, sugeriu que o congresso talvez pudesse ter precedência e substituir a Conferência de Lambeth como reunião comum da Comunhão Anglicana. Esta idéia foi bem recebida por muitos



membros do CCA, especialmente pelos leigos e presbíteros, e um esboço de resolução, confirmando isso, foi logo elaborado.

Mark Dyer (que também foi representante da Igreja Episcopal no CCA) logo percebeu que tal resolução seria desastrosa para o Relatório de Virgínia e para sua visão de autoridade, porque ela negaria um dos quatro instrumentos de unidade - a Conferência de Lambeth. Visivelmente decepcionado e contrariado pelo rumo que a discussão tomou, Dyer conduziu com sucesso à mesa a resolução sobre o congresso. Nesse meio tempo, a questão surgiu novamente no final da reunião do CCA, dez dias depois, e o texto da resolução foi atenuado com uma emenda: "que deveria haver um congresso anglicano junto com a próxima Conferência de Lambeth".

### **Acolher o 'Dom da Autoridade' de Roma?**

O caminho para o aumento da autoridade primacial na Comunhão Anglicana, contido no Relatório de Virgínia, tem ramificações tão amplas que ultrapassam o próprio Anglicanismo. O texto introdutório do Relatório de Virgínia assinala que "a resolução 8 da Comissão Internacional Anglicana Católica Romana (ARCIC II) também contém aspectos diretos sobre o exercício da autoridade na Igreja. A introdução do relatório encoraja a ARCIC a explorar, com base nas Escrituras e na Tradição, o conceito do primado universal, em conjunto com a colegialidade como instrumento de unidade". Será então surpresa que as recentes declarações da Comissão Internacional Anglicana Católica Romana, sob o duvidoso título "O Dom da Autoridade" terminem por desafiar os anglicanos a serem abertos e desejarem a restauração e nova recepção, sob determinadas e claras condições do exercício do primado universal pelo bispo de Roma?"

Além disso, uma rápida análise dos membros do ARCIC II mostra que dos 17 membros da comissão, 15 são do Ocidente industrializado, com 8 membros só da Inglaterra. Como pode a ARCIC pensar fora dos padrões históricos de autoridade, identificados com o homem branco ordenado do Ocidente, quando sua comissão inclui apenas duas mulheres e dois representantes do hemisfério sul?

Talvez o bispo da Tanzânia, Simon Chiwanga, presidente do Conselho Consultivo Anglicano, tenha sido muito feliz no seu discurso proferido na reunião do CCA em Dundee: "Nesses tempos de mudanças, muitos dos que estão temerosos pelo futuro buscam segurança e conforto naquilo que julgam ser seguro e sadio... Seja confissão ou cúria, catecismo ou conferência, constituição ou concílio, os medrosos sempre esperam por respostas fáceis".

### **Olhando para além do Anglicanismo**

Respostas fáceis, baseadas numa herança anglicana compartilhada, está claro, não vão manter a Comunhão Anglicana unida. Nesses tempos de mudanças, não podemos colocar nossa esperança em rígidas definições doutrinárias ou numa





estrutura de autoridade mais centralizada. Ao contrário, uma nova compreensão da identidade anglicana é necessária, se desejamos permanecer em comunhão, em meio a tantas cores e culturas, tantas nações e nacionalidades, que o Anglicanismo hoje representa. Esta nova identidade precisa olhar para além das estruturas históricas do colonialismo e do Iluminismo – precisa, na verdade, olhar para além do próprio Anglicanismo. Porque somente por meio de um compromisso compartilhado com os irmãos e irmãs em Cristo de todas as raças e culturas haverá esperança de verdadeira participação na missão de Deus por justiça, compaixão e reconciliação de toda a criação.

Konrad Raiser, secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas, tem sido citado recentemente, ao afirmar que “os anglicanos se tornaram muito mais conscientes e interessados em proteger o Anglicanismo do que promover o processo de uma genuína unidade da Igreja”. E Raiser acrescenta: “A imposição de uma forma particular de unidade doutrinária ou canônica pode se transformar em motivo sufocador da dinâmica da missão cristã... Buscar a unidade significa estar engajado no permanente processo de discernir o Espírito, de modo que aqueles que contam a história dos maravilhosos atos de Deus, em diferentes línguas e culturas, possam compreender e reconhecer o testemunho das outras comunidades, como sendo também inspiradas pelo Espírito. É esta mútua ressonância do testemunho de uns para com os outros no mesmo Espírito, que é a manifestação da unidade, que sempre olha além de si mesma na direção do cumprimento da promessa de Deus, quando Deus unirá e restaurará todas as coisas na terra e no céu em Cristo”.

A “mútua ressonância” da comunidade multicultural, consagrada à missão de Deus, oferece a única autoridade verdadeira para a Comunhão Anglicana, na verdade, a única verdadeira autoridade para todos os batizados, e não somente para bispos e arcebispos.